VELHICES: A EXPERIÊNCIA DO SER E SUAS TESSITURAS SOCIAIS
AÑOS VIEJOS: LA EXPERIENCIA DEL SER Y SUS TESITURAS SOCIALES
OLD YEARS: THE EXPERIENCE OF BEING AND ITS SOCIAL TESSITURAS

Adriane G. A. do Cézar¹

10.21665/2318-3888.v9n17p84-108

RESUMO

O objetivo do presente artigo é discutir aspectos essenciais sobre a temática do envelhecimento, a partir de um olhar sociológico. Assim nos debruçamos em dialogar a partir da seguinte problemática: como a velhice é pensada, enxergada e vivenciada, para além de um corpo biológico que envelhece? Quais os significados do envelhecimento? Justifica-se a importância desse objeto de estudo, quando é sabido que nossa sociedade já caminha rumos a um processo de transição demográfica e nesse sentido, os velhos precisam ser pensados como atores importantes a partir de uma concepção demográfica, de políticas públicas, saúde e também sociabilidades. Para tanto, como metodologia, fez-se uso de uma revisão bibliográfica a partir de diferentes e importantes autores que escrevem sobre o tema, além de uma pesquisa qualitativa, com 17 entrevistados, cujos resultados demonstraram que o corpo velho em termos de anos vividos não pode ser dissociado de um corpo social carregado de significados.

Palavras-chave: Corpo. Envelhecimento. Significados. Campo Sociológico.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professora adjunta da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. Email: adrianenascimento@ufg.br.

ABSTRACT

The aim of this article is to discuss essential aspects on the theme of aging, from a sociological perspective. Thus, we focus on dialoguing from the following problem: how is old age thought, seen and experienced, in addition to an aging biological body? What are the meanings of aging? The importance of this object of study is justified, when it is known that our society is already heading towards a process of demographic transition and in this sense, the old need to be thought of as important actors from a demographic conception, public policies, health and also sociability. For this purpose, as a methodology, a bibliographic review was used from different and important authors who write on the subject, in addition to a qualitative research, with 17 interviewees, whose results showed that the old body in terms of lived years cannot be dissociated from a social body loaded with meanings.

Keywords: Body. Aging. Meanings. Sociological Field.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir aspectos esenciales sobre el tema del envejecimiento, desde una perspectiva sociológica. Por lo tanto, nos centramos en dialogar desde el siguiente problema: ¿cómo se piensa, se ve y se experimenta la vejez, además de un cuerpo biológico que envejece? ¿Cuáles son los significados del envejecimiento? La importancia de este objeto de estudio se justifica, cuando se sabe que nuestra sociedad ya se encamina hacia un proceso de transición demográfica y en este sentido, la vieja necesidad de ser considerados como actores importantes desde una concepción demográfica, políticas públicas, salud y también sociabilidad. Para tanto, como metodología, se usó una revisión bibliográfica a partir de diferentes e importantes autores que escriben sobre el tema, además de una pesquisa qualitativa, com 17 entrevistados, cuyos resultados demostraram que o corpo velho em termos de anos vividos não pode ser dissociado de um corpo social carregado de significados.

Palabras clave: Cuerpo. Envejecimiento. Significados. Campo Sociológico.

Introdução

O envelhecimento tem sido estudado em várias áreas do conhecimento. Entender a característica multidisciplinar que o envelhecimento ocupa, se faz fundamental para abrir caminhos e apresentar o tema a partir de diferentes olhares e ciências que se somam para ampliação dessa temática (CÉZAR, 2016). A emergência do estudo sobre envelhecimento é justificada por pesquisas que comprovam que a nível mundial o número de pessoas com 60 anos ou mais vem sofrendo relativo aumento, com diminuição do número de pessoas jovens, somando-se ao aumento da expectativa de vida. Essas características trazem reflexos consideráveis para qualquer sociedade. De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), hoje existem aproximadamente 893 milhões de pessoas acima de 60 anos em todo o mundo e até 2050, esse número subirá para 2,4 bilhões.

Segundo base de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a dinâmica demográfica brasileira vem apresentando mudanças na sua estrutura etária, com redução da proporção de crianças e jovens, aumento da população adulta e uma tendência substantiva da elevação no número de idosos, resultantes da diminuição das taxas de mortalidade e fecundidade, avanços tecnológicos e de saúde, por exemplo. Esse processo se apresenta como um desafio para o Estado, a Família e a Sociedade Civil, que precisam dialogar em conjunto e somar esforços para o enfrentamento desse novo cenário.

Apesar da contínua abrangência, principalmente em termos de estudos demográficos, o tema ainda se faz carente de aprofundamento, principalmente sobre questões fundamentais que procuram compreender o envelhecimento para além de um processo biológico. Uma compreensão que perpassa as representações do corpo físico em termos de anos vividos e que se desdobra na importância do que é SER velho, a partir de percepções e manifestações individuais e coletivas e que impactam em como esses grupos se expressam socialmente.

Para Debert (2004, p. 13) pensar a velhice é “buscar acessos privilegiados para dar conta de mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e

o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer”. Para a autora, as diferenças de faixas etárias constituem um fator universal presente em todas as sociedades, sendo fruto vital no processo de socialização. Desse modo, assim como o desempenho de determinadas atividades estaria vinculado às capacidades de diferentes estágios biológicos do indivíduo, também estaria o conhecimento acumulado para o exercício de diferentes papéis sociais.

Desse modo, é sabido a importância de ressaltar políticas públicas voltadas, principalmente, para a questão da saúde, logo que os idosos, em geral, estão mais sujeitos a comorbidades pelo processo natural ocasionado pela idade. Somado a isso, é preciso também garantir assistência de seguridade contínua, diminuição da violência, estigma, preconceito e busca de relações sociais e familiares mais dignas e saudáveis. Desse modo, concordamos com Lins de Barros (2011) de que a velhice também deve ser pensada como uma problemática social.

Assim, o objetivo desse artigo é trabalhar a velhice a partir de um olhar sociológico, debruçado em relatos de experiências intrapessoais e interpessoais e com isso entender as tessituras que se configuram no processo do que é SER velho e como esse espaço de fala se permeia frente a uma construção social. Para além de um marcador biológico, essa pesquisa irá demonstrar como a velhice é vista, vivenciada, enxergada e explorada pelos atores que fizeram parte desse estudo² permeando questões que dizem respeito à significados como maturidade, finitude, gênero, trabalho, experiência, corpo biológico, relações sociais entre outros.

A metodologia utilizada, de acordo com as discussões norteadoras que foram propostas, correspondeu às pesquisas: exploratória e bibliográfica para construção bibliográfica e a pesquisa qualitativa, um método que permite um estudo em profundidade de intenções e subjetividades dos atores pesquisados. O interesse pelo uso da pesquisa qualitativa se deu

² O presente artigo trata-se de um recorte parcial dos estudos desenvolvidos para a pesquisa de doutorado intitulada: Trabalho, Aposentadoria e Envelhecimento: entre os caminhos da (in)segurança social e das (in)certezas pessoais. Um estudo com docentes da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa contou com o apoio da FAPEG e foi defendida pela autora, em 2018, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Goiás. A amostra constitui-se de 17 entrevistados, sendo professores da UFG, já aposentados, com idade a partir de 60 anos e foi aplicada no período de junho e julho de 2017.

em função da possibilidade que esse tipo de pesquisa permite de apreender a importância da vida cotidiana como espaço no qual os sujeitos constroem o sentido do seu agir, o que estende seu foco, as particularidades dos detalhes e das unidades dos acontecimentos (MELUCCI, 2005; FLICK, 2009; LALANDA, 1998).

1. Desenvolvimento

Caradec (2011) discute que não devemos projetar o envelhecimento apenas como sendo corporal, baseado na compreensão das limitações funcionais e das doenças orgânicas do corpo, mas entender também que o envelhecimento recorre a registros “não corporais”, que dependem do que o autor irá chamar de “entornos sociais”: a amenidade ou a dureza das interações em espaços públicos, a atitude dos próximos, o contexto das relações com o outro, a existência ou não de solicitações nessa idade.

Segundo Veras (2011), é importante pensar a ideia do envelhecimento saudável como resultante de uma interação entre várias dimensões, como a saúde física e mental, a independência pessoal e financeira, a socialização, além do suporte familiar. De acordo com Debert (2004), na segunda metade do século XIX, foi comum tratar a velhice como sinônimo de decadência física e da perda de sua importância social. Todavia ao mesmo tempo que esse pensamento foi responsável por estigmatizar a velhice a um conjunto de imagens negativas, ele também foi responsável por trazer à tona a legitimação de alguns direitos sociais.

Os estudos de Caradec (2006), na França, apontam que a velhice passou a adotar novas terminologias (terceira idade, pessoas dependentes e *seniors*), a partir do momento em que o termo se vinculou à aposentadoria. De acordo com o autor, foi em 1970 que o termo terceira idade começou a se difundir, sendo sua nova conotação utilizada para caracterizar “uma nova juventude”. Um momento importante que antecede essa configuração se deu em 1962, por meio da publicação do Relatório Laroque, cujas políticas voltavam-se para a inserção das pessoas idosas na sociedade, com intuito de evitar o isolamento e a inatividade desses grupos. Essas políticas se direcionaram, principalmente,

a algumas melhorias, como: habitação, criação de serviços de ajuda doméstica, implantação de clubes de lazer, com a intenção de substituir características assistencialistas e economicamente fracas que outrora as políticas caracterizavam.

O Relatório Laroque foi considerado como um embrião, para difundir e legitimar uma nova imagem da terceira idade, que associada ao papel ocupado pelas caixas de aposentadorias à época desenvolveu, por intermédio de seus fundos, a possibilidade de conquista de novos mercados consumidores por parte dos idosos. A terceira idade passou a ser representada por um “tempo de lazer”. Isso possibilitou aos idosos um princípio de autonomia importante, dentro do convívio dos grupos familiares, em substituição à concepção de um patriarca considerado, muitas vezes, inútil. Todavia Caradec (2006) reforça que essa nova política, concebida ao modo de vida dos idosos, veio acompanhada também, por outro lado, de uma característica importante: a política de desemprego voltada aos trabalhadores envelhecidos.

Já partir dos anos 1980, o termo “pessoas idosas dependentes” começa a ser substituído pelo termo “pessoas idosas inválidas e deficientes”, sendo essa nova abordagem utilizada inicialmente pelos médicos geriatras. O termo é consolidado por meio da criação da Lei sobre a Prestação Específica da Dependência de 1997, que institucionaliza a “dependência” como uma categoria jurídica, voltada para ações sociais às pessoas idosas, passando eles a serem concebidos como destinatários passivos recebedores de cuidados. A dependência dos idosos passou a ser, com o financiamento das aposentadorias, uma das principais questões de discussão a nível nacional. Todavia o PSD caracterizou-se muito mais na prática como uma prestação de ajuda social, por departamentos específicos, do que propriamente um mecanismo de seguro social, tendo sido altamente criticado por apresentar medidas de exclusão, tais quais beneficiar apenas pessoas consideradas altamente desfavorecidas, não sendo alvo, por exemplo, possuidores de uma média dependência (CARADEC, 2006).

Por fim, a expressão sênior só começou a ser utilizada no início dos anos 60, por meio da mídia. Todavia é somente a partir de 1996 que o termo começou a se expandir, como uma terminologia usada por ações de marketing, direcionada às pessoas de 50 anos ou mais, o

denominado “mercado dos *seniors*”, um novo nicho de consumo criado, especificamente, para atender a essa demanda.

Debert (2004) afirma que a categorização de idades, sob o ponto de vista dos direitos e deveres, assim como as especificidades de comportamentos, que são típicos de cada faixa etária (jovem/adulto/velho), é, sobremaneira, acompanhada por laços simbólicos que privilegiam a formação de novos atores políticos e, sobretudo, a criação de novos mercados de consumo. No caso da velhice, por exemplo, uma infinidade de mercados direcionados ao consumo é criada, com intuito de manifestar a beleza e a juventude.

Debert (2004), baseada nos estudos de Fortes (1984), aponta que as sociedades apresentam uma forma diferente de periodização da vida. Nas sociedades ocidentais, por exemplo, o sistema de datação da idade trata-se de um componente-chave para definição de elementos da estrutura social. Ou seja, a idade cronológica serve de referência para um quadro político e jurídico constituinte de uma cidadania (atribuição de status – maioridade legal –; definição de papéis ocupacionais e formulação de demandas sociais), baseada em direitos e deveres dos indivíduos, como, por exemplo, a idade mínima para se ingressar no mercado de trabalho ou para se aposentar. De forma contrária, em algumas sociedades não ocidentais, a idade já não é resultante de um marcador cronológico, mas sim uma observação de ciclos de vida individual, com a incorporação de estágios de maturidade dentro da estrutura social, que condiciona o indivíduo a estar apto a determinadas atividades. A passagem de um estágio para outro não é marcada pela idade datada, mas pela maturidade e pela transmissão de um *status* social, cuja poder de decisão está nas mãos dos mais velhos.

Segundo a autora, a cronologização da vida apresentou influências distintas. Isso decorreu, principalmente, pela forma com que ao longo do tempo determinadas transições aconteceram, como, por exemplo, a transição de um modelo de economia doméstica para outro, baseado no mercado de trabalho, bem como pelas funções assumidas pelo Estado Moderno, em que questões antes pertencentes à esfera privada e familiar passaram a ser de ordem pública. Desse modo seria a institucionalização do curso

de vida³ orientada desde o nascimento até a morte. Cita Lins de Barros (2011, p. 50): “as leis da nação moderna estipulam a idade para a escolarização, para o casamento, para a entrada e saída do mundo do trabalho; enfim, para a responsabilidade por atos civis, políticos e sociais e por direitos”.

Para Debert (2004), pensar na velhice é atentar-se para uma preocupação social, que se enquadra em um duplo movimento: de um lado, tem-se a denominada socialização progressiva da velhice, ou seja, pensar a velhice por um processo de migração da esfera privada, familiar, de associações filantrópicas para uma preocupação também pública, que recai em um conjunto de intervenções coordenadas pelo aparelho do Estado, visto que, a partir da segunda metade do século XIX, o envelhecimento é caracterizado pela decadência física, além da forte ausência dos papéis sociais desses atores. E de outro, pensar que, dentro desse movimento de socialização, estão presentes os processos de reprivatização, que, por sua vez, transformam a velhice em uma responsabilidade individual, em que “os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiados pela busca do prazer e da satisfação” (DEBERT, 2004, p. 14). Esse processo de reprivatização da velhice seria resultado, principalmente, de um discurso entre gerontólogos, a mídia e os programas desenvolvidos para a terceira idade, que em conjunto cada qual com as suas especificidades de trabalho, dialogam com o envelhecimento.

Caradec (2006), ressalta que a velhice apresenta dois polos possíveis de representação: a velhice plena, autônoma e ativa e a velhice dependente e ingrata. A velhice plena estaria ligada às representações contemporâneas em torno da imagem do velho como um aposentado ativo, útil à sociedade e a seus próximos e que aproveita ao máximo sua existência. São velhos que carregam em si a experiência ou a sabedoria plena (velhos *seniors*). Já a velhice ingrata seria aquela que associa a representação da velhice à de uma pessoa dependente e solitária, com perdas física e psíquica frequentes, à espera da morte.

³ A idade cronológica estaria relacionada à periodização da vida de um indivíduo (isolado enquanto unidade de referência), que, por sua vez, sofre institucionalização política e jurídica na sociedade. Nesse sentido, o Estado representaria a forma mais desenvolvida de ordenamento jurídico. Assim, a institucionalização do curso de vida não significaria apenas a regulamentação das sequências de idade, mas também “a constituição de perspectivas e projetos, por meio dos quais os indivíduos orientam-se e planejam suas ações, individual e coletivamente” (DEBERT, 2004, p. 52).

Segundo o autor, essas representações não estão unificadas e trazem uma imagem parcial da realidade, demonstrando duas possibilidades: de um lado, a imagem sorridente e positiva dos *seniors*; e de outro, a visão negativa e muito mais desanimadora das “pessoas idosas dependentes”.

Lins de Barros (2011) também coloca duas possibilidades de envelhecimento coexistentes, que são incorporados nas trajetórias de vida dos indivíduos, como modelos orientadores para a ação: uma delas relacionada ao conjunto de ideias correspondentes ao envelhecimento ativo e ideais da terceira idade (independência, liberdade e capacidade para agir) e a outra, o da velhice estigmatizada, percebida como o fim da vida, doença e solidão.

Essas ambiguidades do significado do envelhecimento apontadas por Caradec (2001) e Lins de Barros (2011) foram observadas em todos os pesquisados desse estudo. Isso nos leva à percepção de que os significados da velhice, em relação a uma experiência positiva ou não, estão muito associados às questões subjetivas e objetivas como o histórico de vida, experiências passadas e vivências pessoais, além de outras variáveis como sexo, grupo social e faixa etária, que acabam por construir a visão e a trajetória de cada indivíduo, do que, de fato, significa envelhecer.

1.1 A experiência do SER velho: relatos de pesquisa a partir de perspectivas sociais.

[...] Sei que tenho muitos anos. Sei que venho do século passado, e que trago comigo todas as idades, mas não sei se sou velha, não. Você acha que eu sou? (CORA CORALINA, Eu não tenho medo dos anos e não penso). O poema de Cora Coralina nos chama a refletir que a experiência do envelhecer é permeada de significados individuais e também coletivos. Todos os entrevistados desse estudo, considerando ou não a velhice como uma forma plena de existência, não deixaram de mencionar as limitações físicas do corpo, que começam a surgir com a chegada da idade, apontando como um problema já enfrentado

por eles ou ainda a ser enfrentado, mesmo se sentindo bem com 70, 80 e 90 anos. É perceptível que o significado da velhice, possui uma representação da idade biológica do corpo, atrelada aos aspectos pessoais e sociais dos indivíduos, somatizados na ideia do bem viver:

Eu acho que depende muito da pessoa, né. O envelhecimento é mais físico né, se não tiver envelhecimento psíquico então, não tem muito problema. Há um envelhecimento físico evidente, né. Anda mais devagar, tropeça, escuta menos, enxerga menos, tem uma série de problemas que são reais. Agora o que vale é o que a gente pensa, né. A atividade psíquica, se ela está mantida, então vamos em frente, não tem envelhecimento. Eu na minha cabeça, eu tenho 40 anos, não tenho 80 ou 100 anos, agora o corpo não acompanha, né. (MARCELO, 76 anos).

Caradec (2011) registra que o envelhecimento na sociologia se coloca ao indivíduo de dois modos: “exterior” e “interior”. O exterior é aquele projetado externamente ao indivíduo, como, por exemplo, o percurso de vida socialmente organizado em torno de normas de idade cronológica, que servem de referência para elaboração de políticas públicas e sociais; e o “interior”, manifestado pelos registros corporais do corpo orgânico, da aparência e da energia. O registro do corpo orgânico está ligado a duas questões básicas: à saúde e às capacidades físicas do corpo de um indivíduo. Já o registro de aparência faz menção à ordem estética do corpo, ou seja, uma preocupação que não diz mais respeito à saúde do corpo em si, mas sim às manifestações estéticas. E por fim, o registro de energia, que se refere às questões de vitalidade (bem-estar), que se opõe à fadiga e à fraqueza energética do corpo humano.

Na presente pesquisa, quase todos os entrevistados fizeram uma associação do envelhecimento ao registro do corpo orgânico, mencionando questões relacionadas à saúde e às limitações físicas, nenhum fez menção aos registros de aparência e apenas um deles fez menção à vitalidade. As falas dos interlocutores Maria e João demonstram que enfrentar o envelhecimento é um ciclo natural que faz parte de uma das etapas da vida. Desse modo, deve ser conduzido de forma positiva, uma vez que ter a oportunidade de envelhecer significa um privilégio mesmo diante das limitações físicas do corpo.

Logicamente que a gente vai deixando de ter muita coisa, que a gente vai perdendo, né. Inclusive memória e esquece das coisas. É uma fase que a gente tem que saber passar por ela de forma, de aceitação, aceitar e

passar por ela de uma forma mais positiva possível. Entender que isso é natural, se é, como é que fala... agradecer por estar passando por essa fase, porque... quantas pessoas não chegam a isso, ter o privilégio de passar por todas as fases, que é muito bacana, eu acho que é isso, o significado de envelhecer é um privilégio (MARIA, 71 anos).

João, além de fazer registro à menção do corpo orgânico, reforça que quando pensa no envelhecimento é apenas em algumas horas da madrugada. Ferreira (1998) relatou em sua pesquisa que no universo da velhice “a noite” é tida como um momento que reflete uma sociabilidade muito intimista do sujeito consigo mesmo, na potencialidade máxima de sua individualização. A autora demonstrou que entre seus pesquisados o período noturno reforçava um momento considerado por eles como “horas de divagações”, acopladas a sensações de angústia, ansiedade e a constatação de um sentimento de que o passado se faz irreversível e de que o presente se faz descontínuo. Apesar de João não ter compartilhado em sua fala as memórias ou os sentimentos a que recorre nas horas da madrugada, deixou claro que eles estão ali presentes:

Eu não penso em envelhecimento não. Eu tô numa idade que pouca gente tem, não tô preocupado com envelhecimento. Aliás, há umas horas de madrugada, que aparece. Fora isso, não tenho preocupação não. Às vezes, a gente tem um grave defeito quando é jovem, que pode fazer tudo, esse é o problema. A gente é limitado, praticamente. É uma dificuldade. A gente não reconhece as limitações físicas, não intelectuais, físicas. Mas as intelectuais têm o problema da memória, a memória afeta muito, tem uma memória que dá Alzheimer e tem outra memória que tem um teórico do Rio grande do sul... um argentino, que diz o seguinte: o esquecimento é uma grande convenção. E a gente tem a mania de dizer que o esquecimento é uma destruição do divino, e não é. Aham que a memória está ligada ao fator esquecimento. Eu não tinha pensado. Ele é, é um pesquisador, não sei se ainda vive, da universidade federal... católica do Rio Grande do Sul (JOÃO, 91 anos).

Já o discurso de Geraldo aponta, para além do registro do corpo orgânico, o registro de vitalidade:

Existem controvérsias aí, né. Porque de um lado tem a coisa ruim que são as limitações que aumentam, um ou outro probleminha de saúde, tal né, que fazem com que você tem que limitar suas atividades. O ânimo não é o mesmo pra determinadas coisas, né, eu fiquei muito muito cansado em ir ao Show dos Rolling Stones, por exemplo [risos]. Curti muito e tal, mas dá uma canseira, a saída depois, assim... enquanto tá lá, tudo bem. Depois... houve sugestão de... Rock in Rio, ah não! É muita pauleira. A coisa em si é

muito boa, se eu pudesse chegar lá e sair de helicóptero, quem sabe assim... e limitações como essas, que já não é [...] (GERALDO, 66 anos).

Na fala de Jorge, apresentada logo mais abaixo, percebe-se novamente o envelhecimento atrelado às limitações físicas (corpo orgânico), além de um sentimento de “pesar” por não ter mais a capacidade funcional de se fazer coisas simples, que ele gostava muito, como, por exemplo, praticar algum esporte. O sentimento de nostalgia associado à não realização daquilo que se quer ou deseja, seja em função de uma socialização, de um mero prazer individual ou simplesmente a prática de uma atividade física, demonstra certo incômodo quanto à manutenção de uma velhice bem-sucedida e um sentimento de impotência face às próprias limitações naturais advindas da idade. Não é mais, apenas, o que se quer fazer, mas o que se consegue também fazer.

Sobre esse ponto, Caradec (2011) define que as transformações corporais levam os idosos a criarem estratégias de preservação dos “apegos” com o mundo, denominadas de estratégias de reconversão⁴, que constituem, de certo modo, um processo de adequação da existência. Uma das estratégias de reconversão é denominada de “abandono de atividade”, que constitui a transferência de uma atividade para outra, mas que, por sua vez, encontra-se situada no mesmo registro da que foi abandonada, funcionando apenas como um elo substituto. Na fala de Jorge, foi possível essa identificação, quando ele sente vontade de jogar futebol, mas reconhece sua impossibilidade, fazendo, desse modo, essa substituição pelos jogos que são assistidos pela TV:

Eu não gosto de envelhecer, a única coisa que eu estou me conscientizando nos últimos anos é de que, se fecha o olho, sem você tomar decisão, acontece uma coisa, uma doença, uma coisa ruim, aí a vida some, já era, mas eu acho ruim envelhecer, eu não vou dizer que é uma coisa, assim... sempre gostei muito de esporte, né, e enfim, caminhar e tal, ahhh, jogar futebol, e hoje eu só vejo na televisão, porque se eu for ao campo eu me quebro todo, né. (JORGE, 71 anos).

⁴ Além da estratégia de “abandono de atividade”, Caradec (2011) aponta mais duas estratégias denominadas de “adaptação” e “volta por cima”. A de adaptação é aquela em que o idoso defrontando-se com algum tipo de limitação funcional, consegue dar prosseguimento às suas atividades, recorrendo a algum tipo de ajuda técnica, como, por exemplo, o uso das próteses. Já a estratégia “volta por cima” consiste em retomar alguma atividade que foi abandonada, envolver-se numa atividade nova ou então aumentar o envolvimento daquelas já praticadas.

Rosa afirma que desejaria voltar atrás na idade, e esse relato corresponde a uma forte descrição da dificuldade do aceitar envelhecer. As entrelinhas de sua fala mostram que ser chamada de senhora adquire uma conotação pejorativa da velhice (incapacidade), e ela ainda não se percebe conectada a essa fase da vida porque ainda realiza muitas funções, projetos e atividades:

Olha, na verdade eu gostaria de voltar na idade que eu tenho. Embora eu não tenha as limitações que a maioria das pessoas dessa faixa etária tem, assim, do ponto de vista de humor, então [tem gente que fala]: professora, você é muito engraçada [risos]. E ninguém me chama de senhora, todo mundo me chama de você [risos]. Então assim, o envelhecimento, eu espero, eu digo assim, eu me considero hoje, nos dez, na década, na última década útil. Sabe, eu acho que eu faço mil e uma coisas fora da média das pessoas, eu acho que, aí quando eu fizer 80, eu acho que aí já talvez complique um pouco, né, não sei, mas acho assim, ruim ter a limitação. Por que da mente eu não tive nenhuma até agora, mas assim, o corpo, eu acho que talvez ele vá assim com o tempo, com o passar do tempo talvez dê algum tipo de problema (ROSA, 70 anos).

Um fator que chamou atenção durante as entrevistas foi o fato de que tanto os homens quanto as mulheres⁵ percebem o ato de envelhecer de forma diferente, o que nos leva a presumir que a velhice carrega concepções diferentes que se associam às questões relacionadas ao sexo. Attias-Donfut (2004), em seu estudo sobre sexo e envelhecimento, examinou essas diferenciações. Segundo a autora, as disparidades sociais entre os sexos na velhice se expressam por meio de desigualdade de renda, saúde, ambiente familiar e social, além de condições de vida. Essas considerações foram notórias durante a aplicação do campo deste estudo.

Uma das questões do meu questionário de pesquisa indagava os participantes se, na concepção deles, o envelhecimento era enfrentado de forma diferente pelos homens e pelas mulheres. A intenção da pesquisadora foi deixar livre para que os próprios entrevistados buscassem fatores em que eles percebessem essas diferenças, ou se, de fato, as percebiam. Curiosamente, diversas variáveis foram mencionadas: vida social, pessoal, cuidados com a saúde e exercício do trabalho.

⁵Lembrando que a amostra pesquisada se dividiu entre pessoas consideradas pertencentes ao sexo masculino ou feminino.

As mulheres foram consideradas mais ativas na vida social e pessoal e mais preocupadas com questões relacionadas à saúde do corpo. Essa percepção deu-se tanto na fala delas quanto na dos homens. Já no exercício do trabalho, as mulheres se posicionaram como sendo acumuladoras de vários papéis (situação essa também mencionada pelos homens), porque, além de exercerem o trabalho fora de casa, possuíam em mãos outras responsabilidades como o cuidar dos filhos e da casa. Desse modo, foi notório por meio de suas falas que vivenciam um estigma social, de que essa responsabilidade é muito mais sua do que dos homens.

O depoimento de Rosa remete a essa diferenciação, principalmente no que tange às questões relacionadas à saúde e ao trabalho, ficando perceptível a ideia do homem que culturalmente sempre esteve mais relacionado ao trabalho externo, fora de casa e pouco presente na esfera doméstica:

Olha, na minha observação, assim do cotidiano... parece que a mulher, embora trabalhe mais, por que ainda soma com a casa, com esse tipo de obrigação, quem tem filhos, ou quem não tem e cuida de outros, eu acho que a mulher fica mais, mais lúcida, o homem parece que entrega um pouquinho [...] (ROSA, 70 anos).

Foi possível perceber na fala de João a mesma ideia colocada por Rosa. De certo modo, esse discurso, é fruto das relações desiguais entre homens e mulheres, tão reforçados em nossa sociedade, que condiciona culturalmente a mulher à designação do cuidado, seja do lar e ou dos filhos. Nos relatos dos entrevistados homens, essa percepção também foi observada. A mulher é aquela que “produz” em diferentes espaços:

Eu sempre achei que o homem é fim de geração, tanto que aparece esse mundo aí. E a mulher é a criadora, o homem tem inveja da mulher porque ela cria e ele não cria nada. Você vai falar pra ele: ah eu educo meus filhos... que educa nada, quem educa são as mulheres. Eu acho que... num sei. Uma coisa que eu penso é que a mulher é a que mais sofre, e é a que mais produz, e se o homem, muitas vezes produz, é graças à mulher, que dá sustentáculo para ele (JOÃO, 91 anos).

Na fala de Joaquim, citada logo mais abaixo, percebe-se uma situação de desconforto embutido em sua narrativa, pelo fato de o homem ter que ser cuidado na velhice, por vezes, por uma mulher. Uma situação em que a necessidade leva a uma subjugação e

dependência do sexo feminino, de certo modo, de difícil aceitação. Uma espécie de cuidado piedoso necessário, que vai na contramão do homem forte, viril e protetor da juventude. Isso é interessante, pois aqui se verifica uma inversão da ideia de ordem biológica, em que as mulheres deveriam “se acabar” mais que os homens, devido a falta de hormônios, menopausa, doenças degenerativas que acometem mais o sexo feminino do que o masculino.

Afirma Attias-Donfut (2004, p. 91) que “apesar de uma resistência aparentemente melhor das mulheres, elas paradoxalmente sofrem de maior morbidade do que os homens do mesmo grupo etário”. Segundo a autora, os estudos de epidemiologia reforçam que as mulheres estão mais sujeitas ao risco de doenças crônicas e também invalidantes.

Acho que, o envelhecimento do gênero masculino é, ele é mais terrível, porque se você for perceber, os homens morrem mais cedo do que as mulheres, né... a gente fica sendo obrigado a ser cuidado por elas, sabe, é diferente de um e de outro, é diferente, e a do homem é pior por causa disso, não falo nem de mim, mas se você pensa nas classes trabalhadoras como os homens eles se acabam mais cedo (JOAQUIM, 71 anos).

As entrevistas também apontaram que eles(as) continuam a exercer o papel de provedores familiares muito ativamente, seja de algum membro de parentesco muito próximo, filhos, por exemplo, ou de membros que não têm ligação consanguínea. De acordo com Lins de Barros (2011), a segurança social oferecida pelos benefícios advindos das aposentadorias, pensões e outros modelos assistenciais públicos recebidos pelos mais velhos possibilita que eles se mantenham como provedores, fato esse que recai, em certo grau, na dificuldade encontrada pelos jovens de se inserirem ou se manterem no mercado de trabalho. Simões (2004) usou o ditado que diz: “ter filhos é um seguro para velhice” para mostrar que, de forma muito contrária, ter avós é que deve ser considerado um seguro para juventude, principalmente se eles forem recebedores de rendimentos de aposentadoria ou pensão, tendo-se em vista, conforme já colocado por Lins de Barros (2011), a grande dificuldade encontrada pelos jovens para ingresso no mercado de trabalho.

No caso da amostra pesquisada, todos afirmaram receber uma aposentadoria capaz de fornecer segurança social e assegurar diversas condições necessárias ou favoráveis de

vida (serem capazes de pagar um plano de saúde, manter empregados, ter residência própria, viver bem etc.) e ainda serem capazes de ajudar financeiramente membros ou não de suas famílias. A fala de Maria reporta a dificuldade do filho de ingressar no mercado de trabalho, demandando, desse modo, seu apoio financeiro:

Ajudo. Às vezes tem que ter um suporte, né. Ajudo, mas vai ter uma devolução, é um empréstimo. Pesquisadora: é seu filho? É. Ele montou uma franquía e foi um preço alto. Então, ajudei, praticamente financiei o custo de tudo, mas ele tá devolvendo. É, por que tem que valorizar, tem que saber que aquilo custou, se não, não valoriza, tem que saber o que foi cada dinheirinho daquele, pra ele entender que é importante devolver (MARIA, 71 anos).

Para Lins de Barros (2011), os mais velhos exercem ainda grande importância na reprodução social da família, fator que é reforçado em decorrência das separações conjugais (que faz com que os filhos retornem à casa dos pais), além do prolongamento de moradia de jovens adultos ainda na residência parental. Esses fatores poderiam, de um lado, provocar uma solidariedade familiar, mas, de outro, conflitos entre gerações. Nas falas de Mário e João é reforçada novamente a questão da ajuda financeira, além da existência do conflito de gerações:

[...] Ajudo, eventualmente, dentro da medida do possível, entendeu? Sempre tem uma beirinha sim, e não é biunívoca não, biunívoca é para lá e para cá (MÁRIO, 71 anos).

[...] Embora eu acho que meu filho tenha uma renda boa porque é personal trainer, não tem estabilidade, mas tem uma renda boa, poderia ajudar. É uma coisa que não entendo. Minha mulher não quer que eu faça isso... acha que ele poderia colaborar (JOÃO, 91 anos).

No depoimento de Geraldo, que se ocupa hoje, principalmente, de uma atividade que remete cuidado ao corpo, à saúde e ao bem-estar físico e emocional, foi importante observar a colocação de que as mulheres prestam mais atenção à saúde e ao lazer no processo de envelhecimento do que os homens. De forma semelhante, Attias-Donfut (2004) relata que na França a aposentadoria representa para as mulheres uma nova ocasião para o desempenho de atividades de lazer e práticas associativas que estão mais centradas na satisfação de si e na recuperação de um tempo perdido expresso entre o trabalho e as atividades domésticas.

Discussões demonstram que o homem, principalmente na iniciativa privada e em determinados cargos e profissões, é mais aceito, mais bem colocado e remunerado do que a mulher. De acordo com Attias-Donfut (2004), as mulheres sofrem desvantagem profissional e familiar que são acumuladas ao longo de suas vidas, acentuando-se, principalmente, na velhice. A autora reporta-se ao caso francês, em que as carreiras, no caso das mulheres, são muito mais interrompidas, além de serem bem menos qualificadas, se comparadas às dos homens. Em nossa sociedade é sabido que as mulheres ainda sofrem grande discriminação e lutam por igualdade, em um mercado que se configura altamente competitivo e excludente, inclusive em associações e sindicatos, como pode ser percebido em matéria jornalística, veiculada pela *ADUFG Sindicato*⁶ em 3 de agosto de 2017. Na matéria publicada, é notória essa disparidade e fica evidente a luta das mulheres por condições de igualdade. As entrevistas de áudio/vídeo disponibilizadas na matéria foram aqui transcritas:

Hoje o que nós temos é uma ocupação de espaços de poder de decisão muito desigual em relação a homens e mulheres e dentro dos sindicatos também. As mulheres, elas foram educadas e elas foram preparadas para o espaço privado e os homens para o espaço público (FÁTIMA SILVA / Vice-Presidente da Internacional de la Educación para América Latina – Ieal).

A mulher é colocada como sempre em segundo plano, uma mulher mesmo quando ela é militante, na maternidade ela se afasta do movimento sindical para cuidar de seu filho, quando na realidade com o homem, por exemplo, isso não acontece (LUCIENE FERNANDES / Presidente da Associação dos Professores Universitários da Bahia – Apub).

Nós queremos um dia em que homens e mulheres dividam as responsabilidades, as alegrias, as dores e as tristezas de igual para igual (FÁTIMA SILVA / Vice-Presidente da Internacional de la Educación para América Latina – Ieal).

A matéria também fornece informações relacionadas ao XIII Encontro Nacional da Federação de Sindicato de Professores e Professoras de Instituições Federais de Ensino Superior e de Ensino Básico Técnico e Tecnológico (Proifes) (ocorrido em 26 e 29 de julho de 2017), afirmando que esteve entre as suas principais discussões o debate para

⁶ Disponível em: <http://www.proifes.org.br/noticias-proifes/professoras-articulam-participacao-das-mulheres-no-proifes>.

promover a igualdade e o fortalecimento da participação da mulher, na própria federação, especialmente em cargos e espaços com maior poder de decisão.

Reforçando as concepções sobre o envelhecimento, Ponce (2009) argumenta que o mesmo, além de ser um processo biológico, é também um processo social, e que, infelizmente, passou a ser visto como uma doença e não como um limite biológico que se aceita. A esse respeito, colabora Elias (2001, p. 80): "não é fácil imaginar que nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e no fundo, não o queremos" Ponce (2009) coloca que o idoso, além de enfrentar problemas físicos relacionados ao corpo, é também alvo, em grande parte, da marginalização social, vitimado pela solidão e sentimento de irrelevância para os outros.

Se pensarmos ainda pela ótica das tendências atuais de nossa sociedade, que “cobra” e “preza” pela manutenção do “corpo belo”, algo facilmente observado pelo aumento das técnicas e cirurgias destinadas ao retardamento da velhice (*botox, peeling, lipoaspiração* etc.), em função de se obter o corpo perfeito, a pele sem rugas e os cabelos não brancos, o envelhecer se torna algo mais complexo ainda. Caradec (2011) afirma que vários estudos consistem em observar o olhar da sociedade em relação aos corpos que envelhecem, principalmente os corpos femininos, e sua consequente desvalorização. A submissão às normas estéticas do corpo jovem e perfeito impulsionadas pelas indústrias de cosméticos, farmacêuticas, clínicas de estéticas e outros reforçam o ideal de luta contra o envelhecimento ou contraditoriamente o ato de envelhecer de forma jovem, reforçados ainda pelos meios de comunicação. São processos ligados à preocupação do agir sobre o corpo que envelhece.

Sibilia (2011), em seu artigo “A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas”, reflete de forma interessante sobre a ideia do corpo ideal, que não pode ser velho, categoricamente construída pelos discursos midiáticos, tecnocientíficos e mercadológicos, afirmando que: “se hoje proliferam as técnicas dedicadas a evitar essa catástrofe, é porque essa evidência está se tornando cada vez mais verdadeira, mais pesada” (SIBILIA, 2011, p. 93). A autora ainda reforça: “em meio a uma

crecente tirania das aparências juvenis, a velhice é censurada como algo obsceno e vergonhoso, que deveria permanecer oculto, fora da cena [...]” (SIBILIA, 2011, p. 94).

O discurso de Ana é muito aproximativo do que aponta Ponce (2009). Envelhecer é um limite biológico de difícil aceitação para alguns indivíduos, correspondendo a um processo sofrido e doloroso. Os depoimentos de Ana e de Joaquim associam-se a um discurso de finitude e de aproximação com a morte. Lins de Barros (2011, p. 50) cita: “a combinação velhice-morte é um tabu social que encobre a morte e mostra a enorme dificuldade da sociedade contemporânea de lidar com o fim da vida”. Abaixo, nas narrativas dos interlocutores, é perceptível uma aproximação aos escritos de Elias (2001), em *Solidão dos Moribundos*, que aponta que os processos físicos podem até ser bem ou parcialmente compreendidos cientificamente, todavia bem menos compreendida seria a própria experiência que se tem do ato de envelhecer:

Tenho pensado muito nisso. Eu não pensava. 60 anos foi o marco pra mim. Me lembro que no dia que eu fiz 60 anos eu estava aqui no coral, eu falei: gente, eu não quero entrar nos 60. Tá chegando à meia noite e amanhã eu tô com 60 [risos]. Agora eu tô com 61 e eu tenho pensado muito. Acho que... não é legal. Não adianta você dourar a pílula e usar de eufemismo, como eu falei agora mesmo, que é a melhor idade, que eu tô me descobrindo aos 60, não é não. Eu acho que muitas coisas, sim, né. Eu tenho tempo agora pra amadurecer, mas envelhecimento não é legal. Você já começa a pensar no fim. E o fim eu não quero. Eu quero ficar pra sempre (ANA, 61 anos).

Bom...o envelhecimento pra mim ele é o fim, por que como eu não sou, como eu... como eu penso bastante como o Elias, o Norbert Elias, eu não acho que tem, que tem coisas a mais depois do que as pessoas chamam de passagem, sabe. A passagem pra mim é pro nada, não é pro céu, pro inferno, pra nada disso. Eu entendo como uma passagem, como um fim. Pra mim é isso aí, a morte acaba com a vida, então eu não espero muito disso (JOAQUIM, 71 anos).

Ponderando-se, novamente, as discussões sobre as percepções do envelhecimento, para Bobbio (1997), os mais velhos passam a ser aqueles que já não compreendem a realidade dos mais jovens e que têm dificuldades de se adaptar a uma realidade de vida que não foi e que não é retrato de suas vivências e experiências. Isso só dificulta sua aproximação no círculo familiar. O distanciamento de experiências de vida, entre gerações de jovens e velhos, dificulta a troca de diálogo, de vivências e de manter ativos os relacionamentos

entre essas diferentes gerações. É como se essa diferenciação de idade carregasse junto a si uma diferenciação de significados e sentimentos. Essa dificuldade só aumenta a condição dos idosos de excluídos e de marginalizados socialmente. É como se o retrato de suas vivências não tivesse lugar no cotidiano dos jovens de hoje.

Negri (2001), em contrapartida, atenua a discussão ao enaltecer o envelhecimento, destacando sua nobreza. O autor vê na velhice uma condição a que todos nós estamos sujeitos (obedecendo-se o curso normal de um organismo fisiológico), e que a partir dela nos permitimos maior serenidade sobre as coisas, os fatos e as condições. A velocidade das situações e da vida não é mais o centro das atenções, o indivíduo aprende a refletir com calma sobre os fatos do mundo, enquanto sujeito responsável por sua singularidade. O envelhecimento faz com que o indivíduo se torne capaz de contemplar e perceber mais as coisas ao seu redor. "O que me agrada é a suavidade, é o tempo, é a intelectualidade, a imaterialidade das relações" (NEGRI, 2001, p. 50). Nas falas dos interlocutores Mário e Amélia, é possível perceber essa aproximação:

Claro que você fica mais lento em algumas coisas de força física, de entusiasmo, mas por outro lado você deixa de fazer umas bobagens que você fazia, você gastava muita energia com algumas bobagens. Então tem certas coisas que você é capaz... de desligar a televisão, como eu desliguei ontem à noite para ler um livro belíssimo, entendeu? Sem saber da lava jato no estágio atual que se repete há meses já. Então eu acho que tem uma sabedoria aí no meio disso, que compensa uma coisa com a outra entende? Com saúde eu tô bem, então, acaba... a gente compensa. Mas é obvio que a velhice ela vem, ela chega, e é bom que você esteja preparado para ela, e restringe alguns tipos de trabalho, por exemplo, eu tenho amigos que são Engenheiros ativos e tal e pessoal antes subia no prédio, subia na ponte, e tal, hoje já não dá para fazer certas coisas (MÁRIO, 71 anos).

O envelhecimento é o desabrochar ao contrário, né. É o morrer, o encaminhamento para o fim. Então, por isso que eu falo, que eu não me sinto velha, pra mim eu não estou envelhecendo, não estou velha ainda, a diferença que eu faço entre idoso e velho. O idoso vai ser muito produtivo, ativo. Já o velho é o que tem, pode ter problemas sérios de saúde, né. Qualquer jovem tem um problema de saúde, um velho mais ainda, né. Então a diferença que eu vejo é assim: o envelhecimento é o caminho do fim [...]. Há, há uma nova maneira, uma maneira diferente de encarar o mundo, de encarar as pessoas, quando você é mais jovem a gente pensa muito na gente mesmo, porque a gente quer sobreviver, quer aparecer. Já na idade idosa a gente vê mais as outras pessoas. É uma maneira diferente de ver a vida (AMÉLIA, 82 anos).

Negri (2001) também destaca a condição de eternidade das ações. Essa eternidade seria o entendimento de que haveria uma consciência coletiva, que estaria além da própria morte de um indivíduo. Isso estaria ligado à ideia de que a morte ocorreria apenas enquanto corpo físico, porque os feitos e as eternidades das ações de um ser humano permaneceriam vivos, ou seja, num contínuo de “ser lembrado” mesmo após a morte.

Muitos dos interlocutores entrevistados deixaram transparecer essa ideia de deixar um legado, não pós-morte, mas, principalmente, em vida, para a sociedade, como no caso de Amélia. Foi muito perceptível durante as entrevistas a ideia de compromisso assumida por eles(as) para com o próximo, a sociedade. Talvez muito em função da categoria de trabalho: docentes e pesquisadores, em cujo seio de atividade já está imbricada a projeção de suas atividades: ensino, educação e pesquisa. Para alguns entrevistados, essa ideia do legado aparece até mesmo intrínseca a uma espécie de “dívida” a ser paga para com a sociedade, em forma de retribuição, já que muitos tiveram oportunidades de formação e crescimento profissional resultantes de possibilidades advindas de auxílios governamentais como bolsas de estudo para fomento à pesquisa e pós-graduação, por exemplo.

[...] a sabedoria não é uma coisa que você deixa por herança para ninguém, isso é uma coisa ruim, você deixa imóveis, deixa dinheiro, deixa tudo, mas o que você aprende você transfere, então é preciso ver, se você não deixa como herança, você precisa transferir enquanto você vive, enquanto as pessoas estão precisando da ajuda da gente, eu estou sempre à disposição de quem precisar da minha ajuda (AMÉLIA, 82 anos).

Considerações Finais

No Brasil, a cada dia o aumento da população idosa se intensifica. As pessoas estão vivendo por mais tempo, vidas mais longevas. Assim é preciso que as sociedades enxerguem a velhice como um percurso de vida, que merece atenção multidisciplinar. A velhice, enquanto uma das formas de periodicizar a vida, não pode ser negligenciada e estigmatizada na sociedade. É preciso avançar em termos de condições políticas de assistência e saúde e também sob o ponto de vista cultural e social. A emancipação de uma

velhice ativa, em termos de bem viver, é um somatório de esforços das mais variadas naturezas.

Não podemos estigmatizar que todo velho é aquele se sofre, aquele que está acamado ou aquele sem condições de independência. É sabido que aqueles que usufruem da velhice, está mais suscetível a determinadas limitações ou enfermidades que são mais propensas para a maioria da população com mais de 60 anos, mas há também diferenças no envelhecer e isso precisa ser considerado. Não podemos e não devemos tratar a velhice como um estágio de vida vergonhoso ou que precisa ser negligenciado, ou que deva estar entregue a uma pressão estética, de que, aquilo que é belo, precisa necessariamente estar atrelado a padrões de juventude. Pode-se ser belo usufruindo ou não da medicina anti-aging. Ser belo está atrelado, principalmente, em evocar para si, aquilo que lhe faz bem e não necessariamente o que a sociedade lhe impõe. Desse modo é preciso que a velhice seja também ressignificada e o idadismo combatido em várias instâncias.

A Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa – PNSPI (2006) prevê em suas diretrizes além dos esforços centrados na esfera curativa e tradicional, um desenvolvimento resolutivo de cuidados com a pessoa idosa, pensados também a partir de outras perspectivas como a de autonomia e independência funcional. Isso implica um novo olhar e um projeto político sob o qual o Brasil ainda precisa avançar. É necessário abordar questões centrais para o envelhecimento como a autonomia, sexualidade, cuidado, participação, sociabilidades intergeracionais. É preciso falar e dar visibilidade a velhice. A cada momento vivido, nos tornarmos um pouco mais velhos e mesmo, muitos de nós, não estando ainda nesse lugar de fala, se faz necessário entender esse lugar de fala, por diferentes perspectivas. Esse estudo, por meio da realização de entrevistas em profundidade, com um grupo específico de pesquisados, buscou responder a seguinte questão problema: quais os significados do envelhecimento? E a partir dela refletir sobre as tessituras sociais que permeiam esse processo.

Os resultados mostraram que os pesquisados divergiram sobre o modo como enxergam o processo de envelhecimento, conforme já observado na literatura (CARADEC, 2011; DEBERT, 2004; LINS DE BARROS, 2011; GOLDENBERG, 2013). Alguns perceberam de

forma positiva como plenitude e sabedoria, e outros de forma negativa como carência afetiva, limitações da capacidade física e a difícil aceitação do próprio ato de envelhecer. Todavia um ponto comum, foi a saúde como eixo norteador desse processo: associações do corpo físico a situações de perda e incapacidade, citadas, inclusive, por aqueles com idade menos avançada, que ainda não se reconhecem nessa situação. Essas narrativas demonstram que as condições do corpo físico se somam as narrativas sociais do que significa envelhecer e que essas duas concepções não devem ser trabalhadas ou pensadas isoladamente.

Outro fator que chamou atenção, foi o fato do envelhecimento ser visualizado de forma diferente, entre mulheres e homens. As mulheres se consideraram mais ativas na vida social e mais preocupadas com a saúde do corpo físico. Em relação ao exercício do trabalho, se posicionaram como sendo, ao longo de suas vidas, responsáveis por acumularem muitos papéis (situação também percebida nos relatos dos homens): trabalham fora de casa, cuidam dos filhos, do cônjuge e das atividades rotineiras do lar.

Nenhum dos entrevistados relatou processos ligados à preocupação do agir estético sobre o corpo que envelhece, hoje, tão impulsionado pelas indústrias farmacêuticas, de cosméticos, clínicas e mídia em geral, que instigam o ideal pela beleza sempre “jovem”, o que, por sua vez, não exclui, a existência dessa possibilidade e que fica como sugestão para futuras pesquisas.

É preciso tratar o idoso, à luz de um modelo que confira a este uma perspectiva realmente cidadã em todos os sentidos. Faz-se necessário fomentar demandas específicas e variadas, associadas às peculiaridades políticas, socioeconômicas, legais e culturais da sociedade, a fim de que se possa perceber, de forma mais nítida, as consequências, mudanças, desafios e perspectivas que esse processo traz e os desafios que se apresenta à sociedade brasileira. Além disso, cada indivíduo tem sua parcela de atuação na perspectiva de mudança. No curso natural de vida, a velhice é um futuro esperado, todavia precisa ser pensada no aqui e agora.

Referências

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e Envelhecimento. *In*: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 85-108.

BOBBIO, Norberto. De senectute. *In*: **O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 15-55.

BRASIL. Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Síntese de indicadores sociais. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. **Estudos e Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica**. n. 27, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.

CARADEC, Vincent. La Construction Sociale de la vieillesse. *In*: **Sociologie de la vieillesse et du vieillissement**. Paris: Armand Colin, 2006. p. 11-37.

_____. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. *In*: GOLDENBERG, Mírian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CÉZAR, Adriane Geralda Alves do Nascimento. **Trabalho, proteção social e envelhecimento: uma abordagem social e de indicadores no Brasil**. Artigo apresentado no II Seminário de Envelhecimento Social, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da UFG, 2016.

DEBERT, Guita Grin. **A Reivenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

ELIAS, Norbert. Envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos. *In*: **A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 79-103.

FEDERAÇÃO DE SINDICATO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR E DE ENSINO BÁSICO TÉCNICO E TECNOLÓGICO – PROIFES FEDERAÇÃO (PROIFES). **Professoras articulam participação das mulheres no PROIFES**. Disponível em: <http://www.proifes.org.br/noticias-proifes/professoras-articulam-participacao-das-mulheres-no-proifes>.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Memória e velhice: do lugar da lembrança. *In*: LINS DE BARROS, Myrian (org.) **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). **Relatório sobre a situação da população mundial 2011, produzido pela Divisão de Informações e Relações Externas do UNFPA**. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br>.

LALANDA, Piedade. **Sobre metodologia qualitativa na perspectiva sociológica.** *Análise Social*, n. 148, v. 33, 1998, p. 871-883.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. *In: GOLDENBERG, Mírian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva; pesquisa qualitativa e cultura.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

NEGRI, Toni. De senectute. *In: **Exílio, seguido de Valor e Afeto.*** São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 49-54.

PEIXOTO, C. E. **Aposentadoria:** retorno ao trabalho e solidariedade familiar. *In: PEIXOTO, C. E. (Org.). Família e envelhecimento.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

POLITICA NACIONAL DE SAÚDE DA PESSOA IDOSA – PNSPI (2006). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt2528_19_10_2006.html.

PONCE, Pedro. O tempo da vida. Fórum Gulbenkian de Saúde sobre Envelhecimento 2008/2009. *In: **Estamos Mais velhos, Mais Doentes e Mais Caros.*** Lisboa: Fundação Calouste / Príncipe, 2009.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In: GOLDENBERG, Mírian (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. A previdência social no Brasil: um histórico. *In: NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin (org.). **Velhice e Sociedade.*** Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.

VERAS, Renato. Novos desafios para o jovem país envelhecido. *In: GOLDENBERG, Mírian. **Corpo, envelhecimento e felicidade.*** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido: 18.06.2021

Aprovado: 30.06.2021